



CATHERINE GEORGE
A mulher perfeita

HELEN BROOKS
Rendida ao milionário

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2020 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
N.º 106 - novembro 2020

© 2009 Catherine George
A mulher perfeita
Título original: The Mistress of His Manor
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2010 Helen Brooks
Rendida ao milionário
Título original: Sweet Surrender with the Millionaire
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português em 2010

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e outros países.

Imagen de portada utilizada com a permissão de Dreamstime.com

I.S.B.N.: 978-84-1375-272-3

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[A mulher perfeita](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Rendida ao milionário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

A mulher perfeita

CATHERINE GEORGE
A mulher perfeita



Capítulo 1

O sol da tarde era tão ofuscante que teve de pôr os óculos de sol enquanto passava à frente dos barracões e das estufas para ladear um engarrafamento virtual de carrinhos carregados de artigos. Excelente! O negócio estava a correr bem. Ainda melhor, pois um dos carrinhos era empurrado por uma mulher muito atraente. Suspirou ao ver que dois homens se aproximavam dela, um deles com uma menina pequena. Bolas! De modo que não era solteira. E era anos mais jovem do que o seu marido. Que sortudo. Quando se aproximou, a rapariga lançou-lhe um sorriso que o fez parar.

- Poderia dar-me indicações, por favor? Precisamos de amores-perfeitos que floresçam no Inverno.

- É claro. Levá-la-ei lá - respondeu ele. Lá ou a qualquer lugar que ela desejasse.

- Obrigada - a mulher baixou-se e deu um beijo na face da menina. - Vai com o pai e o avô, querida.

- Quero ir contigo - respondeu a menina.

- Querida, está muito calor e estará mais calor ainda onde guardam os amores-perfeitos, portanto pede ao pai para te comprar um gelado.

Aquelas palavras mágicas fizeram com que a menina fosse a correr para o seu pai com um sorriso.

- Encontrar-me-ei convosco na entrada principal - disse a mãe e virou-se para o seu guia. - Muito bem. Peço desculpa por o fazer esperar.

- Não há problema - garantiu ele e seguiu pelo caminho maior. O seu marido poderia prescindir dela durante um minuto ou dois, disse à sua consciência. Quando finalmente chegaram perto dos amores-perfeitos, agarrou num carro vazio e fez uma visita guiada à sua cliente.

- Que bonitos! Tem aqui as flores mais bonitas.

- Vem cá com frequência? - bolas! Não conseguia ter pensado em algo melhor?

- Não. É a minha primeira visita. A minha mãe confiou-me a escolha dos amores-perfeitos. Quer todas as tonalidades de cor-de-rosa que houver, para além de amarelos e brancos.

- Violetas não? - perguntou ele, surpreendido.

- Aparentemente, não. Obrigada pela sua ajuda, mas deve estar ocupado. Posso continuar sozinha.

- Posso ficar mais alguns minutos - ou horas. - Pode escolher, eu pô-las-ei no carro.

Observou-a dissimuladamente enquanto ela fazia a sua escolha, de certeza de que a vira em qualquer lado antes. Mas não conseguia recordar onde nem quando.

- Já está - disse ela, com satisfação. - Hora de parar, antes de me arruinar.

- O nossos preços são muito razoáveis - garantiu ele. - Competitivos, pelo menos.

- Tenho a certeza. Mas já abusámos hoje antes de começarmos com os amores-perfeitos. E agora tenho de regressar à tribo. Muito obrigada pela sua ajuda.

- Foi um prazer - disse ele e chamou um empregado que passava perto deles. - Mostra à menina onde pagar e leva-a de volta à entrada principal, por favor.

- Demoraste muito - disse o seu pai, Jack Logan, quando Jo se encontrou com eles. - A menina estava a começar a impacientar-se.

- Lamento. Os amores-perfeitos estavam longe - respondeu ela, com um sorriso. - Embora seja curioso, porque o caminho de regresso foi realmente curto.

- Foste pelo caminho mais longo? - perguntou Jack.

- Literalmente. O que é lisonjeador. O meu guia parecia muito apetitoso por baixo de toda aquela terra.

- Estou cansada - queixou-se a pequena.

- Está bem, Kitty, linda, vamos para casa ver a mamã. Já poremos o resto das flores no carro, Jo. Vais ficar para dar uma olhadela à casa?

- Depois de ter insistido tanto em vir fazê-lo, acho que devo. Deixarei o meu carro aqui e irei a pé ver como vive a outra metade.

- Eu poderia ficar contigo - ofereceu-se o seu avô, mas ela abanou a cabeça e deu-lhe um beijo.

- Pareces cansado. Vai para casa com Jack e com Kitty e diz a Kate que fiz tudo o que pude com a selecção de amores-perfeitos. Telefonar-lhe-ei mais tarde para ver como está.

- Só espero que tenha passado a tarde na cama, como prometeu - disse Jack.

- Se tivesses ficado lá com ela, talvez o tivesse feito - declarou Jo. - O avô e eu podíamos ter trazido Kitty para comprar as flores.

- A ideia era fazer com que Kate descansasse.

- Então, deita Kitty e depois faz um jantar para dois.

- Esse era o meu plano, menina mandona. Vais jantar connosco?

- Não. Depois da visita irei directamente para casa e deitar-me-ei cedo - Jo esticou-se para dar um beijo à menina, depois despediu-se dos seus homens e começou a andar por um caminho que serpenteava entre os parques até chegar à entrada de Arnborough Hall.

- Receio que esteja atrasada para a última visita do dia - disse uma empregada quando Jo entrou no hall. - Mas, se

quiser dar uma olhadela sozinha, faça-o, por favor. No guia aparece o caminho.

- Obrigada. Farei o possível para não entrar onde não devo - Jo observou com prazer o tecto alto e as armaduras encostadas contra as paredes de pedra. - É um lugar impressionante e mesmo assim os móveis fazem com que pareça uma agradável sala de recepções.

- É exactamente o que é - respondeu a mulher, com um sorriso. - Em ocasiões especiais, a família usa-a para isso. Por favor, leve o seu tempo. Ainda tem quarenta minutos até fechar e há empregados por todo o lado para responderem às suas perguntas.

- Obrigada - Jo estava contente por poder explorar sozinha. Começou pela biblioteca, mas Jo parou e franziu o sobrolho, tinha a certeza de ter visto uma divisão assim antes. Quando chegou à sala de baile, estava convencida de ter visitado Arnborough Hall noutra vida e desfrutou daquela pequena fantasia, imaginando-se a dançar a valsa sob os lustres.

Dado que não tinha tempo para seguir a rota normal dos visitantes, foi a uma longa galeria cheia de quadros valiosos, que incluíam, segundo o guia, um retrato de Constable. Os retratos familiares datavam do período Tudor e Jo estudou cada um com atenção. Parou em frente dos retratos vitorianos. A semelhança entre os homens da família no século XIX não só era marcado, como também havia algo familiar neles. Vira os traços distintivos do lorde Arnborough vitoriano e dos seus filhos em algum lado. Talvez nessa outra vida? Olhou para o relógio. Acabara o tempo.

- Espero não a ter feito esperar - desculpou-se ao ver a empregada que esperava para fechar o hall. - Devia ter começado mais cedo. Não consegui ver tudo.

- Então, volte novamente - disse a mulher. - Temos muitas coisas para oferecer até ao Natal, tanto aqui como no nosso centro de jardinagem.

- Obrigada. Fá-lo-ei. Adeus!

Enquanto Jo abandonava a casa, sentiu um aperto no coração ao avistar uma figura alta. O seu jardineiro atraente parecia diferente, com calças de ganga e uma t-shirt branca que se ajustava aos seus ombros largos e à sua cintura estreita.

- Olá outra vez! - cumprimentou ele. - Esteve a visitar a casa?

- Sim. Os outros foram directos para casa do centro de jardinagem. Eu vim pelos meus próprios meios para poder visitar a casa depois.

- E o seu marido já terá deitado a menina quando chegar a casa?

- Na verdade, aquele era o meu pai, que parece demasiado jovem para o papel, portanto chamo-lhe Jack. E Kitty é a minha irmã mais nova. Se quiser a imagem completa, o cavalheiro mais velho da família era o meu avô - para seu deleite, observou como o jardineiro corava ligeiramente.

- Peço-lhe desculpa - disse ele e desarmou-a com um sorriso. - Por outro lado, descobrir que não tem marido é uma boa notícia. Ou será que há alguém à sua espera em algum lado?

- Não. Sou solteira.

- Excelente! Eu também! Celebremos o nosso bendito celibato com um copo antes de ir para casa.

- Certamente, os jardineiros não andam com rodeios - disse ela.

- A vida é demasiado curta para isso. Então, quer vir? O Arnborough Arms fica ao fundo da rua. Sou March, na verdade - disse ele, oferecendo-lhe a mão.

- Eu sou Joanna e estou cheia de sede, portanto a resposta é sim.

- Muito bem, Joanna. Se atravessarmos os jardins neste ponto, podemos ir por um atalho.

- Obviamente, conheces bem o lugar - declarou, tratando-o por tu.

- Sempre. A tua família espera por ti para jantar?

- Não. Fiz a comida antes de vir, enquanto Jack cuidava da minha mãe, conhecida por mim como Kate. Estava a enlouquecê-la a perguntar-lhe como estava de cinco em cinco minutos.

- Está doente?

- Grávida - respondeu Jo. - Deus sabe como o meu pai sobreviverá desta vez. Já sofreu quando nasceu Kitty... - de repente, parou. - Lamento! Demasiada informação.

- Claro que não. O teu pai e tu têm a minha compaixão.

- Obrigada - respondeu ela, com um sorriso. - Na verdade, espero que o *pub* tenha uma casa de banho em condições. Sinto-me um pouco suja. E obviamente tu passaste por casa para tomar um banho desde a última vez que te vi.

- Precisava dele - respondeu ele. - Tinha estado a trabalhar durante horas - agarrou-a pela cintura para a guiar pelos degraus situados ao fundo do caminho. - Aqui estamos, a alguns metros da porta traseira do *pub*. Espera um momento, falarei com o dono.

Jo observou enquanto o seu novo amigo batia à porta, a abria e entrava.

- Ainda não está aberto? - perguntou ela, quando March saiu novamente para ir buscá-la.

- Está aberto todo o dia. Só perguntei a Dan se podíamos ocupar a sala traseira para conversar calmamente. Caso contrário, serias pisada por pessoas que estão a jogar aos dardos e essas coisas.

O *pub* era bonito e também estava vazio. Jo arqueou as sobrancelhas enquanto o seu acompanhante a guiava até uma pequena sala atrás do balcão.

- Pisada?

- Mais tarde estará cheio - respondeu ele, firmemente. - O que queres, Joanna?

- Sumo de toranja com limonada e muito gelo, por favor.

As bebidas aguardavam sobre uma mesa junto da janela quando saiu da casa de banho.

- Estive a trabalhar o dia todo e não vou conduzir, portanto posso beber uma cerveja - disse ele, enquanto levantava o copo. - À tua saúde, Joanna.

- Vives perto?

- A pouca distância a pé, sim. E tu?

- A uma hora de carro - disse, antes de beber um gole do seu sumo. - Precisava disto. Obrigada.

- O que achaste da mansão?

- É um lugar maravilhoso. O dono não estará solteiro, por acaso? - brincou. - Se for assim, casar-me-ei com ele e mudar-me-ei amanhã mesmo.

- Gostaste assim tanto? - perguntou ele, rindo-se.

- É a atmosfera. Embora seja antiga, parecia um lar.

- Provavelmente, porque a mesma família viveu lá desde o século XV.

- A sério? É incrível.

- A sucessão foi mudando de ramo em ramo na árvore familiar, já que o noivo adoptou o apelido da noiva para que pudesse continuar a ser assim. Viste os retratos da galeria?

- Não consegui ver todos. Fiquei sem tempo a meio da época vitoriana.

- Oh, que azar - disse ele. - Diz-me, Joanna, o que fazes?

- De certeza que vais rir-te.

- Porquê?

- Porque os outros homens riem-se.

- Eu não sou como os outros homens - garantiu. - Dedicaste ao entretenimento de algum tipo?

- Não é assim tão excitante. Pouco depois de acabar os meus estudos, a assistente do meu pai deixou-o para ser mãe a tempo inteiro. Sugeriu-me que ocupasse o seu lugar até decidir o que queria fazer com a minha vida. Eu gostei do trabalho desde o começo e ainda gosto. Portanto, é o que faço, trabalho para o meu pai.

- E o que é que ele faz?
 - É construtor - o que era verdade. Até certo ponto.
 - E obviamente dão-se bem.
 - Profissionalmente, formamos uma boa equipa - ele sorriu amargamente. - Mas Jack preocupa-se com a minha vida privada. Às vezes, é um pouco enfadonho e insiste que viva em casa com eles.
 - Porquê? - perguntou March. - És viciada nas festas selvagens?
 - Gostaria! - exclamou ela. - Não, de facto, não gostaria. Já fiz essas coisas quando era estudante. Agora tenho uma vida muito normal na minha pequena casinha junto do parque da vila.
 - Então, o teu pai deve pagar-te bem. Lamento. Que indelicado. Esquece que disse isso.
 - Na verdade, a casa foi um legado. Onde vives? - perguntou ela.
 - Numa espécie de apartamento.
 - Trabalhas todos os domingos?
 - Quando precisam de mim, sim. Mas a partir de agora não muito. Depois, em Dezembro, volta a agitação - levantou-se para pegar no seu copo. - O mesmo?
 - Sim, mas desta vez pago eu.
 - Trar-te-ei a conta - mas, quando regressou com os copos, entregou-lhe um menu. - Apetece-te jantar antes de ires para casa? Ou tinhas alguma coisa planeada para esta noite?
 - Não, nada - respondeu ela. - Obrigada. Eu adoraria. O que há?
 - Sobretudo saladas aos domingos à noite. Recomendo-te a de presunto. Trish, a mulher do dono, trata do presunto pessoalmente.
 - Então, salada de presunto, por favor. Mas só se pagarmos a meias - acrescentou, com firmeza.
- Esperou que March fosse fazer o pedido e telefonou a Kate.

- Dois Trish especiais a caminho - declarou March, quando ela guardou o telefone.

- Acabei de falar com a minha mãe, que já se sente melhor, o que significa que posso desfrutar do jantar - disse Joanna. - Estava tão preocupada com ela durante o almoço que mal comi.

- És boa cozinheira?

- Sim.

- Nada de falsa modéstia, então.

- Nada disso - respondeu ela, com um sorriso. - Eu gosto de cozinhar. Tenho jeito. E tu?

- Não morro de fome, mas não é o meu passatempo favorito.

- Obviamente, isso é a jardinagem.

- Não. Simplesmente, sigo as ordens do tirano que fiscaliza os jardins da mansão.

- É velho e teimoso?

- Não. É jovem e muito qualificado, assim como o cérebro por trás do centro de jardinagem.

- Portanto, quando ele diz salta, tu saltas?

- Mais ou menos. Aprendi muito com ele. Sobretudo em relação às rosas.

- Disseram-me que as daqui são únicas.

- E não só as dos jardins da mansão. Hoje vendemos muitas rosas no centro, prontas para florescer no ano que vem. Tens de voltar no Verão, quando as rosas estiverem no seu maior esplendor. Embora Ed as intercale com todo o tipo de coisas para dar cor e forma aos jardins. É um artista com as cores. Viste os desenhos?

- Não tive tempo.

- Volta amanhã e tirarei uma hora para fazer um percurso contigo.

- É um truque para me mostrares os teus desenhos?

- Não. Embora tenha alguns desenho que poderia mostrar-te. Mas só quando te conhecer melhor.

- Tem muito bom aspecto! - exclamou Jo, quando o dono pôs os pratos na mesa.

- Bom apetite - disse o homem e trocou um olhar com March. - O lugar está a encher, portanto faz-me um gesto se precisares de alguma coisa.

As saladas vinham acompanhadas de pão rústico que parecia tão apetitoso que Joanna sentiu o seu estômago a queixar-se.

- Oh, perdão!

- Não te preocupes. Ataca. Eu estou cheio de fome.

- Isto está delicioso - disse Jo depois de saborear o presunto. - Comes muito aqui?

- Não tanto como eu gostaria. Mas, às vezes, permito-me um jantar de domingo como este.

- Deve ser agradável não ter de cozinar depois de teres estado a trabalhar.

- Cozinhas para ti todas as noites? Ou tens uma sucessão de pretendentes esperançados dispostos a convidar-te para jantar?

- Receio que não - disse ela. - Tenho amigos com que saio para almoçar de vez em quando, mas na maioria das noites faço qualquer coisa rápida em minha casa ou cedo à persuasão e janto com Kate e com Jack. Às vezes, também com o meu avô.

- Ele vive com os teus pais?

- Não. Não quer sair de casa. E, apesar da insistência do meu pai, eu não quero sair da minha.

- Gostaria que estivesses em casa sob a sua vigilância?

- Felizmente, Kate recusa-se a apoiar Jack nisto. Ela percebe que eu preciso de um lugar próprio.

- E, entretanto, o teu pai alberga pensamentos estranhos sobre o que fazes na tua pequena casa!

- Nada digno de aparecer nos jornais - garantiu ela. - Eu gosto de convidar os meus amigos e amigas sem que ninguém esteja a vigiar. Gostarias que observassem tudo o que fazes?

- Não - respondeu ele e olhou para o seu prato vazio. - Gostaste-te?

- Certamente. Estava deliciosa. Apetece-me um café, por favor, e depois irei para casa. Amanhã é segunda-feira e Jack exige pontualidade aos seus empregados, sejam parentes ou não.

Para surpresa de Jo, March pegou nos pratos e levou-os para o balcão, onde pediu os cafés. Ao voltar a sentar-se em frente dela, recostou-se na cadeira e olhou para a sua cara.

- Gostei muito do jantar, Joanna. Voltamos a fazê-lo noutro lugar. Em breve.

- Quando?

- Suponho que amanhã é demasiado precipitado. E se for na terça-feira à noite?

- Tão cedo?

- Depois do meu encontro contigo, invejei o homem que presumi que era o teu marido - disse ele. - Portanto, quando os nossos caminhos voltaram a encontrar-se, aproveitei a oportunidade ao descobrir que eras solteira. Como faria qualquer homem no seu juízo perfeito. Então, Joanna, ver-te-ei na terça-feira.

- Bom... Sim, está bem - disse ela.

- Excelente! Dá-me o teu número de telefone e diz-me como chegar a tua casa. Irei buscar-te às sete - levantou a cabeça. - Dan está a chamar-me. Irei buscar o café. Como podes ouvir, lá fora há muita gente.

- Mais ninguém usa esta sala? - perguntou, quando March regressou com os cafés.

- Aos domingos, não.

- Está bem - respondeu ela, antes de beber um gole do seu café. - Quanto foi?

- Pagas na terça-feira.

- Nesse caso, não esperes um restaurante de cinco estrelas!

- A comida é irrelevante - respondeu ele. - É a companhia que importa.

- Pensarei nisso - disse ela, suspirou e olhou para o relógio. - Tenho mesmo de ir.
- Acompanhar-te-ei ao carro.
- Receio que esteja estacionado no centro de jardinagem.
- Melhor. Assim daremos um passeio mais longo.
- Embora não seja mais longo do que o passeio que fizemos para irmos buscar os amores-perfeitos!
- Juro que não tenho por costume raptar mulheres casadas. Convenci-me de que alguns minutos na tua companhia não contavam como adultério.
- O adultério tem de ser consensual - respondeu ela, com um sorriso.

- Não sei. É um pecado que nunca cometi.
- Fala-me dos outros pecados!
- Na terça-feira - prometeu ele.

Joanna elogiou a cozinheira quando se despediu do dono. Uma vez na rua, tremeu ligeiramente e March ajudou-a a vestir a camisola. Depois, deu-lhe a mão enquanto caminhavam pelo caminho que levava ao centro de jardinagem.

- No caso de tropeçares - disse ele.
- Agora que deixámos o *pub* para trás, isto está muito tranquilo - comentou ela.
- Demasiado tranquilo. Às vezes, preciso das luzes da cidade.
- Vives sozinho?
- Sim, Joanna. Como te disse, sou solteiro.
- Podias viver com a tua mãe - sugeriu ela.
- Morreu há alguns anos e o meu pai faleceu recentemente.
- Lamento - Joanna apertou-lhe a mão. - Obrigada pelo jantar, March. Gostei muito da noite.
- Eu também. Uma pena que tenhas de ir para casa tão cedo - inclinou-se e beijou-a na face. - Irei buscar-te às sete na terça-feira.

Pelo espelho do carro, Jo viu March sob o candeeiro, observando-a enquanto se afastava. Conduziu até casa, pensativa. Era inútil fingir que não ficara contente com tudo o que se passara durante a noite, incluindo a sugestão de March de repetir em breve. Fora tão fácil falar com ele que Jo se mostrou mais aberta do que de costume. Em qualquer caso, tinha a sensação de que por trás daquela fachada encantadora jazia uma personalidade muito forte. Sentia que havia mais nele do que se via à primeira vista. Como um apelido, pensou de repente. Ou talvez March fosse o seu apelido. Tinha-se esquecido de perguntar.

Capítulo 2

Quando entrou com o carro em Park Crescent mais tarde, Jo sentiu a onda de prazer habitual enquanto estacionava em frente da sua casa. Era simples como o desenho de uma criança. Até ser suficientemente crescida para viver ali sozinha, a casa estivera arrendada, mas assim que acabara o contrato, Tom Logan começara a decorar toda a casa para a sua adorada neta.

Quando o telefone tocou, Jo sentiu-se surpreendida e contente ao descobrir que era March.

- Muito bem - disse ele. - Estás em casa.
- Acabei de chegar. Obrigada pelo jantar.
- Pouca coisa em troca da tua companhia, Joanna. Agora que sei que estás sã e salva, deixar-te-ei para que possas deitar-te. Até terça-feira então. Boa noite!
- Boa noite... Espera - mas já desligara. Portanto, continuava a ser simplesmente March.

Jo pensou muito no seu jardineiro atraente enquanto se preparava para ir para a cama. Obviamente, tinha educação, boa conversa e um ar de elegância próprios dos velhos estudantes de Eton que conhecera na universidade. Era evidente que March fora educado. Mas também era evidente que não estava a passar pelo seu melhor momento. Jo franziu o sobrolho e desejou ter insistido em pagar a meias o jantar. Talvez ela trabalhasse para o seu pai, porém, como todos os seus empregados, ganhava um

bom salário. Portanto, na terça-feira convidaria March para jantar em sua casa.

Dar de comer a visitas masculinas famintas não era uma coisa estranha. Leo e Josh Carey, os gémeos que eram os seus amigos mais próximos, eram médicos estagiários e trabalhavam tantas horas no hospital local que adoravam sentar-se à mesa da cozinha de Jo durante as suas horas livres e devorar, juntos ou por separado, tudo o que ela lhes pusesse à frente.

- Tiveste uma boa noite? - perguntou-lhe o seu pai, quando Jo chegou à Logan Development na manhã seguinte.

- Muito agradável. Como está Kate hoje?

- Cansada. O bebé não a deixa descansar muito de noite.

- Tu também não descansas, a julgar pelo teu aspecto - disse ela. - Apetece-te um café?

- O que faria sem ti?

- Farias o teu próprio café?

- Bom, fala-me do jardineiro - declarou o seu pai, rindo-se.

- É encantador. Eu gosto dele.

- Ser encantador não é a qualificação mais importante no currículo de um homem. Vais voltar a vê-lo?

- Sim. Amanhã à noite.

- A sério? A tua mãe sabe?

- Ainda não. Telefonar-lhe-ei mais tarde. Não te preocipes, sou uma rapariga crescida, chefe - disse Jo com um sorriso, enquanto lhe dava uma chávena de café. - Hora de trabalhar.

Jack Logan observou-a a afastar-se enquanto bebia o café, ainda espantado, depois de todos aqueles anos, com a sorte que tinha com as mulheres da sua vida. E depressa haveria outra pequena Logan na família. Jack tremeu e pegou no telefone.

- Kate? Já te sentes melhor, querida?

Embora soubesse que tinha bom aspecto com a camisa branca e as calças pretas, Jo estava surpreendentemente nervosa enquanto esperava que chegasse o seu convidado. O vinho estava à espera, o lombo de vitela estava pronto e repousaria até March chegar, se fosse pontual. Deu um salto quando ouviu a campainha. Atirou o avental para uma cadeira e dirigiu-se para a porta.

March estava a sorrir. O seu rosto bronzeado parecia ainda mais escuro em contraste com a sua camisa branca e o seu fato era tão informal que tanto poderia ser de uma loja de beneficência como da Armani. Mas em qualquer caso era um fato.

- Olá! - cumprimentou ela, desejando ter vestido um vestido.

- Olá! Que casa tão bonita, Joanna!

- Obrigada. Entra - levou-o para a sala e indicou-lhe que se sentasse no sofá. - O que queres beber?

- Preferia algo suave se vamos conduzir. Não sabia o que tinhas em mente, mas tenho uma gravata no bolso, no caso de se tratar de algum sítio elegante.

- Nada disso. Depois de me gabar dos meus atributos culinários, decidi deixar-te julgá-los.

- Vamos jantar aqui?

- Sim. Apetece-te uma cerveja? Ou queres um copo do vinho tinto que tenho na cozinha?

- Perfeito!

- Ainda bem. Fica à vontade e eu irei buscá-lo.

- Vou contigo.

- Não há muito espaço - avisou ela.

March seguiu-a pelo corredor até à cozinha.

- Pequena, mas perfeita. E há alguma coisa que cheira maravilhosamente - acrescentou ele.

Jo sorriu e entregou-lhe um copo de vinho.

- Há algumas nozes e coisas assim na sala. Eu tratarei dos legumes. Já vou ter contigo.

- Preferiria ficar aqui e ver - disse March, enquanto se apoiava na bancada.

- Como queiras - habituada a ter público enquanto cozinhava, Jo não se deixou intimidar pelos olhos que a observavam atentamente. Pelo menos, não demasiado. - Muito bem - disse finalmente, enquanto punha a tampa na panela. - Vinte minutos para os legumes e já estará tudo pronto. Receio que não haja primeiro prato. Queres levar também o meu copo de vinho, por favor? - programou o temporizador e levou-o consigo para a sala.

- Se desempenhares o teu trabalho com a mesma eficácia com que cozinhas, o teu pai é um homem sortudo - declarou, dando-lhe o seu copo de vinho.

- Ainda não provaste a comida - disse ela.

- Se souber tão bem como cheira, será um prazer - garantiu ele e levantou o copo para brindar. - É um prazer, Joanna.

- Estiveste fechado hoje todo o dia? - perguntou ela.

- Não. Estive a fazer um percurso pelos jardins e terrenos da mansão, a ouvir com atenção enquanto o tirano do meu chefe explicava os seus planos para o próximo ano.

- Tu contribuíste com ideias?

- Várias. Quem sabe? Talvez Ed use algumas.

- Obviamente, pensa que sabe tudo, esse génio hortícola.

- Génio, sim, mas Ed não pensa que sabe tudo. Só ama o seu trabalho. E tu? O que fizeste hoje?

- Estive a perseguir fornecedores e empreiteiros. Tive de os suavizar bastante. O chefe esteve um pouco mal-humorado ontem.

- E conseguiste?

- É claro. Apanham-se mais moscas com mel do que com fel! - levantou-se com um salto quando o temporizador tocou. - É hora de servir o jantar.

- Vou contigo.

- Neste ponto, trabalho melhor sozinha. Porque não lês o jornal durante cinco minutos até eu voltar?

- Seria um prazer ajudar.

- Talvez te peça mais tarde.

Quando ficou sozinho, March deu uma olhadela à divisão com a esperança de aprender mais sobre Joanna graças aos seus gostos por literatura. As prateleiras sobre a lareira albergavam uma ecléctica coleção de clássicos, livros de arte ilustrados e imensos *bestsellers*, sobretudo policiais. Nada de ficção romântica. Tirou uma antologia de poemas e sorriu ao ver a primeira página. Joanna Sutton, turma 3A. Voltou a deixar o livro no seu lugar e estudou as aguarelas nas paredes.

March virou-se quando ela regressou.

- Estava a admirar as tuas obras de arte.

- São boas, não são todas cenas locais. Uma amiga minha com muito talento pintou-as. Agora anda, o jantar está servido.

Na pequena sala de jantar, as velas brilhavam nos seus candelabros e realçavam a comida.

- Que bom aspecto - disse ele.

- Senta-te - Jo encheu os copos e agarrou numa faca. - Devia ter feito isto na cozinha, mas queria que visses a minha criação em toda a sua glória.

- Glória é a palavra adequada - concordou ele, enquanto lhe servia uma fatia de vitela.

- Serve-te do resto - disse Joanna. Serviu-se e sentou-se também. - Espero que gostes.

- À cozinha - declarou March, levantando o seu copo.

- Gosto de comer os meus próprios pratos - admitiu Joanna. - A minha amiga artista, Isobel James, cozinha muito bem. Mas, quando traz os pratos para a mesa, nunca come muito.

- Isto está soberbo - elogiou March. - Seria uma tragédia se não pudesses comer isto. O que há entre a carne e a massa?

- Creme de cogumelos. Está bom, não está?
- Bom? Está glorioso!
- Come um pouco mais - Joanna levantou-se para o servir.
- Quem te ensinou a cozinhar assim? - perguntou March.
- A tua mãe?
 - Aprendi com Molly Carter, que era a cozinheira e governanta de Jack antes de ele se casar com Kate. Molly tem um restaurante na vila actualmente.
 - Então, levar-te-ei lá da próxima vez - disse March e sorriu ao ver a sua cara. - Ou estou a ultrapassar o limite de velocidade novamente?
 - Não exactamente - respondeu ela. - Mas desfrutemos desta noite antes de passarmos à próxima.
 - Desfrutar é a palavra - continuou com o resto do jantar.
- Fala-me mais de ti, Joanna. Vi vários livros de arte nas tuas estantes.
 - Estudei Arte durante algum tempo na universidade.
 - Onde?
 - Oxford - pousou a faca e o garfo e bebeu um pouco de vinho.
 - Não eras feliz lá?
 - Ao princípio, adorava, mas não correu bem. Portanto, no fim do primeiro ano, abandonei as minhas aspirações artísticas e voltei para fazer um curso de Gestão na universidade técnica local.
 - Deve ter sido uma mudança muito difícil depois de estudares Arte em Oxford.
 - Claro que foi.
 - Mas o facto de teres uma casa para onde ir deve ter-te ajudado.
 - Na verdade, tive de esperar que acabasse o contrato de arrendamento para poder mudar-me.
 - Viveste com os teus pais até então?
 - Durante quase um ano. Desde que tinha oito anos, tinha ido à escola longe de casa e fui directamente de lá para Oxford. Portanto, por muito que ame os meus pais, foi

difícil viver permanentemente em sua casa - de repente, parou e começou a levantar os pratos para mudar de assunto. Era tão fácil falar com aquele homem que acabaria por lhe contar todos os seus segredos se não tivesse cuidado. Não era a sua política habitual com alguém que conhecia tão mal. - Não tive tempo para fazer um pudim, mas posso oferecer queijo com biscoitos caseiros. Outra das receitas de Molly.

March levantou-se, sentindo curiosidade pela barreira que Joanna acabara de erguer entre eles. Ignorou os seus protestos e agarrou numa das travessas para a seguir para a cozinha.

- Deixa-a na bancada - indicou. - Não a ponho no lava-loiça.

- Tenho jeito para lavar a loiça. Deixa-me fazê-lo.

- Se houver uma próxima vez, poderás fazê-lo então.

- Da próxima vez - disse ele, aproximando-se mais, - levo-te a jantar. Mas insistirei em lavar na vez depois dessa. Levo o queijo para a sala de jantar?

- Obrigada. Farei café - aliviada por estar um instante a sós, Jo franziu o sobrolho enquanto fazia o café. Gostava daquele homem relaxado e seguro de si próprio, mas deixava-a muito nervosa.

- Não consegui resistir a provar os teus biscoitos - confessou ele, quando Joanna regressou à sala de jantar. - És uma cozinheira muito boa, Joanna. Pensaste nisso como profissão?

- Meu Deus, não. Quando regressei aqui depois de Oxford, trabalhei para Molly nesse Verão, depois trabalhei alguns fins-de-semana e períodos de férias quando comecei o novo curso. Portanto, sei como é difícil. Eu gosto de deleitar as pessoas de vez em quando, mas é só isso.

- E a quem deleitas?

- Sobretudo Josh e Leo Carey, uns gémeos que conheço há anos. E não é que os deleite, só lhes dou de comer quando têm alguma hora livre. Depois, há Isobel, a artista

dos quadros de que gostas. Conhecemo-nos numa festa quando tínhamos treze anos e tornámo-nos amigas. Vive numas águas-furtadas sobre a galeria de arte que gere na vila.

- Mas não tens namorado, Joanna?

- Se tivesse, não estarias aqui esta noite.

- Entendido. Mas é um prazer olhar para ti, tens um bom trabalho, uma casa linda e cozinhas como um anjo. Como é que nenhum homem te apanhou antes?

- Não quero ser apanhada.

- E não há forma de mudar isso? - aceitou a chávena que lhe ofereceu. - Porque tenho de te avisar, Joanna. Tenciono conhecer-te melhor. Muito melhor.

- Estás a sugerir que nos tornemos amantes? - perguntou ela, de repente.

- Não, claro que não.

- Tinha de te perguntar.

- Já o fizeste. E, dado que estamos a chamar as coisas pelo seu nome, não fingirei que a ideia não me passou pela cabeça. Mas essa não é a razão por que estou aqui esta noite. Vim para desfrutar da tua companhia, para relaxar. Neste momento, não tenho em mente seguir um atalho para o paraíso. E esses gémeos que mencionaste, dado que comem aqui regularmente, presumo que nenhum dos dois queira uma relação mais íntima contigo.

- Não. São como irmãos. Gosto deles, mas às vezes também me irritam.

- Porque são homens?

- É verdade. O único homem que conheço que nunca me irrita é o meu avô.

- E o teu pai não?

- Jack é demasiado ditador para não me irritar às vezes, mas amo-o na mesma.

- É um homem sortudo. Então, onde nos encontramos, Joanna?

- Eu gostaria que fôssemos amigos - disse, finalmente.

- Seremos. A tua casa é uma surpresa.
 - Em que sentido?
 - Dado que pareces uma mulher moderna, esperava móveis contemporâneos e arte abstracta.
 - Anacronismo numa casa do século XIX, March. Além disso - acrescentou, - era assim que a casa estava ao princípio. Eu ajudei Kate a escolher a tinta e alguns dos móveis há onze anos. Quando eu tinha treze, no caso de estares a perguntar-te. Mas as cadeiras e alguns dos móveis da casa pertenciam à tia que a deixou a Kate. E tu? A tua casa é minimalista e cheia de couro?
 - Meu Deus, não. Tudo menos isso! - March olhou para ela fixamente. - Muito bem. Agora que ficou claro que as minhas intenções são honradas, quando posso voltar a verte?
 - Na semana que vem?
- March levantou-se com um salto, levantou-a e abraçou-a.
- Este fim-de-semana - disse firmemente, antes de lhe dar um beijo nos lábios. Levantou a cabeça para olhar para ela e depois voltou a beijá-la. - No sábado. Faz uma reserva para dois no restaurante da tua amiga Molly.
- Jo assentiu.
- Muito bem - disse ele, com um sorriso triunfante. - Telefonar-te-ei para saber os detalhes. E agora será melhor ir-me embora, antes de mudares de opinião.
 - Não o farei. Queres mais café antes de ires? - perguntou ela, surpreendida por desejar que ficasse.
 - Uma ideia maravilhosa - respondeu, enquanto lhe abria a porta, agradecendo por não a ter assustado com o beijo. Fora um risco que valera a pena correr.
- Para alívio de Jo, March não a seguiu para a cozinha, o que lhe deu tempo para recuperar dos beijos que, embora breves, ainda conseguia sentir como uma queimadura na boca.
- Tens um gosto inesperado pela literatura, Joanna - declarou March, quando ela regressou.